

**I SIMPÓSIO  
INTERNACIONAL**

***AS DOCTRINAS NÃO-ESCRITAS  
DE PLATÃO***

**CADERNO DE RESUMOS  
(COMUNICAÇÕES)**

**Dennys Garcia Xavier (Ed.)  
Helena Ribeiro (Ed.)**

**Rio de Janeiro, 24 a 26 de  
novembro/2010**

## **Acerca de um diálogo entre Szlezák e Platão: leituras críticas.**

André Luiz Braga da Silva (UFU)

Em sua obra *Platão e a escritura da filosofia (Platon und die Schriftlichkeit der Philosophie)*, Thomas A. Szlezak, enunciando um princípio de interpretação da relação entre o pensamento de Platão e a escrita, lança-se à empresa de identificar a forma como esse princípio se desdobra e se faz presente, das mais variadas maneiras, em quase a totalidade da obra do filósofo grego. No segundo volume desse empreendimento, *A imagem do dialético nos diálogos tardios de Platão (Das Bild des Dialektikers in Platons späten Dialogen)*, os alvos são os ditos diálogos da última fase de Platão. Trata-se nossa comunicação de uma tentativa de leitura crítica do capítulo deste segundo volume que comenta não outro diálogo senão o *Sofista*.

## **Mythos e logos no poema de Parmênides.**

Bruno Conte (PUC-SP)

A presença de elementos míticos no poema de Parmênides coloca dificuldades para os intérpretes. São indiferentes ao "conteúdo", de modo que se poderia passar sem eles do ponto de vista do "argumento"? Nossa abordagem procura investigar o sentido da obra de Parmênides, em seus contextos históricos, filosóficos e míticos, revelando no poema uma multiplicidade de agenciamentos de imagens (inspiração poética, revelação de mistérios, figuras divinas etc.) e de configurações discursivas (narrativa, argumento, fala oracular). Mas o poema, em nossa leitura, não se limita a reproduzir aspectos tradicionais da cultura grega: tais elementos entram em cena em função de uma relação entre visível e invisível que já não é a do pensamento mítico-arcaico, e sim uma inaugurada pela e através da reflexão filosófica. Sobre esse problema -- dos laços entre filosofia e mito e dos registros do visível e do invisível, em Parmênides -- apresentaremos alguns apontamentos.

(A comunicação pretende expôr alguns pontos elaborados em nossa recém-concluída dissertação de mestrado).

## **A justiça segundo o pensamento epicurista.**

Carla Cristina Perozzo (UFRJ)

A concepção que Epicuro desenvolve de justiça (*díke*) se encontra profundamente enraizada em seus postulados atomistas acerca da natureza (*physis*). Deste modo, uma vez que aquilo que a natureza reserva aos homens como maior dentre todos os bens é o prazer (*hedoné*), a justiça, a exemplo de outros temas caros ao pensamento grego, como o conhecimento (*episteme*) e a amizade (*philía*), será apreciada estritamente em função de sua relação com o prazer. Portanto, para o epicurismo, ao contrário do que afirmava Platão, não existe a *justiça em si mesma*, mas apenas pactos convencionais feitos entre os homens, os quais podem beneficiar – quando justos – ou não, a melhor realização da vida prazerosa e feliz.

Em nossa comunicação procuraremos dar conta dos principais argumentos que levam a esta concepção de justiça, assim como buscaremos refletir acerca de suas conseqüências filosóficas mais importantes, no horizonte da filosofia grega.

## **A relação entre intelecto e sentidos na epistemologia democrítiana.**

Cristiano Rodrigues Peixoto (UFU)

Reconstruir o pensamento epistemológico de Demócrito não é um exercício fácil. Isso ocorre devido ao fato de que os poucos fragmentos e comentários tardios do filósofo que tratam do assunto e que chegaram até os dias de hoje se expressam, à primeira vista, de modo contraditório entre si. De um lado, há alguns fragmentos diretos de Demócrito que parecem indicar a superioridade do intelecto sobre os sentidos na ordem epistemológica, na medida em que reconhecem aquele como sendo a única instância por meio da qual os homens podem ter um contato direto com a realidade. De outro lado, comentários tardios feitos por Aristóteles, ao defenderem que o fenômeno é o verdadeiro, contrapõem a visão de que somente o intelecto pode ter acesso à realidade, conferindo também aos sentidos tal acessibilidade. E ainda em contraposição a essas duas vias há algumas passagens que parecem atestar um ceticismo em Demócrito. Como tentativa de harmonização entre esses três eixos, a fim de que eles possam compor um conjunto unitário de pensamento, parece ser correto recorrer àquilo que os modernos posteriormente chamarão de qualidades primárias e secundárias das coisas, realçando, por meio dessa diferenciação, a relação existente entre intelecto e sentidos, se tal relação é harmônica e se é capaz de comportar toda a epistemologia democritiana, tornando-a um sistema unitário.

### **Nome, Imagem, Discurso e Conhecimento: Algumas observações sobre a Carta VII de Platão.**

Diego de Souza Avendaño (UFU)

O tema desta comunicação é a relação estabelecida por Platão entre os conceitos: nome (*ónoma*), imagem (*eídolon*), discurso (*lógoi*) e conhecimento (*Episteme*) na seção 340b – 345c da *Carta VII*. O sistema trinário *ónoma/lógoi/oúsia* aparece descrito nas *Leis* 895d, mas sem nenhuma explicação ulterior, já que, naquele contexto, o problema imediato de Platão é definir a alma. Ao que parece, a *Carta VII* retoma aquele sistema e o apresenta de forma mais elaborada e explícita. Pretendemos confrontar a estrutura do texto e delimitar as relações estabelecidas nele, com o intuito de acompanhar o desenvolvimento da reflexão acerca do processo cognoscitivo das realidades, na medida em que é possível ao homem conhecê-las, e tentaremos demonstrar como a transmissão escrita, seja na forma de tratado, seja na forma dialógica, não é filosoficamente auto-suficiente do ponto de vista platônico. Entendemos o *excursus filosófico* da *Carta VII* como uma orientação, em linhas bem gerais, do caminho de ascensão aos *princípios supremos da realidade*, que constituem o eixo de sustentação do pensamento de Platão, manifesto somente por alusões nos diálogos e dito expressamente nas “doutrinas não-escritas”.

### **O sentido do termo *ouranós* (céu) nas primeiras obras de Platão**

Edmilson Carvalho Barbosa (UFRJ)

O termo *ouranós* (céu) é mencionado diversas vezes por Platão ao longo de toda sua obra e parece indicar uma referência extremamente importante para a consecução da busca e do exame filosófico. Aliás, Platão descreve as disciplinas matemáticas (que incluem a astronomia) como saberes de capital importância para a educação e para o desenvolvimento reflexivo do filósofo visto que elas permitiriam à inteligência passar da superfície bastante turbulenta do mundo sensível e alcançar paulatinamente uma posição a partir da qual descortinaria o que há de mais eterno e duradouro. Através desta educação, a alma passaria por uma transformação difícil e gradual, atingindo a sua excelência desde que tivesse voltado a sua percepção para as coisas lá do alto - *para as coisas além do céu*.

Cabe, pois, perguntar: que lugar e valor Platão dá ao céu ao longo de suas especulações filosóficas – sobretudo no *conjunto de suas primeiras obras*, naquelas que se encontravam ainda sob forte influência de Sócrates? O objetivo principal desta comunicação é este: analisar o

sentido que o céu possuía quando se encontrava sob o impacto desta herança. Para tal, serão levantadas as passagens em que o autor se utiliza do termo *ouranós* em cada uma destas obras, a saber, *Apologia de Sócrates*, *Hípias Maior*, *Íon*, *Eutífron*, *Górgias* e *Eutidemo*, analisando o contexto em que cada um se encontra inserido, tentando compreender como ambos filósofos, Platão e Sócrates, se posicionaram frente a toda uma tradição de investigação filosófica que abarcava o cosmos em suas especulações, a saber, os *physiologoi*.

### Um encontro feliz

Eraci Gonçalves de Oliveira (UFRJ)

Através de discursos proferidos em homenagem ao deus Eros, o Banquete de Platão encerra uma compreensão do amor como um dos elementos principais na realização da filosofia. Focalizamos o discurso de Sócrates/Diotima como suporte para esta qualidade especial do amor.

A sacerdotisa de Mantinéia propõe uma escalada de aprendizagem na qual Eros vai percebendo paulatinamente que o único objeto que pode saciar o seu desejo é a idéia de beleza. Levando-se em conta esta flexibilidade de Eros há que se considerar também, as especificidades dos âmbitos em que ele transita. Assim, um discurso filosófico que pretende transformar a alma de um discípulo deve falar às partes envolvidas. Qual discurso será capaz de acompanhar Eros em sua transitividade entre o sensível e o transcendental?

Tal tarefa requer dispositivos especiais que devem atuar através do discurso filosófico de Platão. Observamos que é o modo da escrita que nos transporta para o plano invisível, e as palavras que se encontram neste exercício, tornam o mais palpável possível o que só existia na ordem do impalpável.

Certamente não por acaso, o Banquete de Platão soa como música e engloba poeticamente os níveis sintático e semântico da escrita. Escrevendo Platão faz letra para a música do universo; é esta música que seleciona as palavras que transmitem o mais exatamente possível seus tons, seus timbres, seus ritmos, suas intensidades.

A desafiante tarefa de falar às diversas partes da alma requer um discurso dinâmico; é como se ele tivesse que se fazer em vários idiomas, falar a diferentes interlocutores cuidando das suas especificidades de escuta.

### A Demiurgia da Interpretação e o Livro II da *República*

Flora de Carvalho Mangini (UFRJ)

Tanto os sofistas quanto Platão são fruto de um momento histórico que colocava em questão a narração mítica como apresentação da verdade - do que era cantado sobre os deuses e os heróis.

É assim que a forma dos discursos – tanto sofisticado quanto platônico – encontra a sua origem na relação com o mito, enquanto forma particular de interpretar o seu envio. Em outras palavras, é a novidade da dúvida acerca da palavra como imediatamente veiculadora de *alétheia* que cria a possibilidade de interpretação.

Um uso novo de alegorias, de discursos por imagens e analogias, nesse sentido, desqualifica o poeta e o seu mito, porque tira dele o caráter divino e incontestável que as Musas lhe legavam. E, nesse campo privilegiado de autoridade que é do domínio mítico, a analogia aparece como forma de ultrapassagem do mito: uma interpretação instaura uma nova ordem.

O gênero filosófico se constrói, assim, em função da possibilidade de interpretação. Mas, diferentemente dos sofistas, se valendo das palavras para fundar um novo *éthos*.

E, quando levamos essa tensão para pensarmos no livro II da *República*, passamos a ver mais claramente como há uma orquestração dos elementos do discurso no decorrer da formação

da sua cidade. Ela é destinada, como argumentaremos, a mostrar que o *lógos* filosófico abrange mais do que tão-somente suas palavras, mas principalmente a experiência que vem da lida com elas.

Nesse sentido, a escolha da cidade como analogia da alma mostra, de várias maneiras, que o ponto de gravidade dos amantes do saber é a sua relação com a construção dos seus *lógoi* no âmbito do visível. Então o envio do filósofo não é o discurso, mas o movimento que vem a partir dele. Seu instrumento, portanto, só tem força enquanto move a alma: enquanto se *interpreta*.

## **O caráter intermediário da Matemática e a estrutura ontológica de seus elementos segundo Platão e Aristóteles**

Gilfranco Lucena dos Santos (UFRB)

A comunicação visa repensar a conexão interna entre Filosofia e Matemática a partir de uma confrontação com a compreensão expressamente escrita de Platão nos livros VI e VII da *República* e de Aristóteles nos livros XIII e XIV da *Metafísica*. Ela estabelece como hipótese de trabalho que a Matemática é colocada em conexão com a Filosofia em dois sentidos. No caso dos livros VI e VII da *República* de Platão, a Matemática é colocada em uma relação intrínseca com a Filosofia, uma vez que Platão compreende a Matemática como meio e caminho (método) pelo qual o pensamento pode ser educado a adquirir uma atitude filosófica; por outro lado, Aristóteles, sem propriamente contestar este *modus Platonicus* de inserir a Matemática como caminho (método) para o pensar, procura caracterizar a estrutura ontológica dos elementos da Matemática, em função de não considerá-los como *ousiai* (entidades), e sim como *stoikheiai* (elementos). Com isso, procuro sugerir que, na perspectiva do que se apresenta especialmente no livro IV da *República*, Aristóteles delimita melhor e mais propriamente o caráter intermediário da Matemática e seus elementos, na medida em que procura não compreendê-los como entidades separadas, mas como elementos separáveis. Assim nesta pesquisa são colocados os seguintes questionamentos: que implicações a visão platônica da função da matemática para a educação filosófica tem tanto para a educação filosófica como para a matemática? De que maneira Aristóteles aprofunda filosoficamente a compreensão da Matemática como método e meio pelo qual se alcança o pensamento que conduz à compreensão das idéias, quando ele estabelece a estrutura ontológica de seus componentes como elementos separáveis e não como entidades separadas?

## **A hermenêutica platônica e suas possibilidades para a filosofia da matemática de Platão.**

Gustavo Barbosa (UNESP)

O presente trabalho tem como propósito participar da discussão acerca das diferentes concepções de Platão e Aristóteles a respeito da natureza e do estatuto ontológico dos entes matemáticos. Enquanto Platão situa o âmbito ontológico dos entes matemáticos entre dois mundos, a saber, o sensível e o inteligível, Aristóteles nega o caráter supra-sensível dos objetos matemáticos e oferece como resposta a sua filosofia empirista da matemática. Aristóteles teria dirigido duras críticas contra Platão e os acadêmicos nos dois últimos livros da *Metafísica*, M e N, respectivamente. Desde a antiguidade, vários autores sustentam que tais críticas referem-se às “doutrinas não-escritas” de Platão, que seriam cursos por ele ministrados na Academia, cujo teor ele não quis escrever por considerar que somente à dialética oral caberia o ensinamento dos primeiros princípios. Dessa forma, as doutrinas não-escritas tornaram-se o eixo de sustentação da moderna hermenêutica platônica, que se inicia com os trabalhos do filósofo, filólogo e teólogo alemão Friedrich Schleiermacher (1768-1834). Para esse autor, as questões envolvendo

a crença de um Platão *exotérico* e de outro *esotérico* estão diretamente relacionados às qualidades do leitor, que poderia ter uma apreensão meramente superficial do texto (considerada *exotérica*), ou, indo a fundo e elevando-se à categoria de ouvinte digno da importante mensagem filosófica contida nos textos (isto é, *esotérica*). Contrariamente a Schleiermacher, a chamada “escola de Tübingen-Milão” propõe uma revolução no paradigma exegético do *Corpus platonicum*, relacionando o Platão *exotérico* a tudo o que se restringe unicamente aos seus *Diálogos*, enquanto que o Platão *esotérico* seria o das “doutrinas não-escritas”. Desta forma, as diversas tramas hermenêuticas em que se entrelaçam os *Diálogos* de Platão e a *Metafísica* de Aristóteles assumem tal amplitude para a filosofia da matemática, que qualquer especulação – por menor e superficial que seja – sobre esse tema não pode deixar de considerá-las.

### **A idéia de bem como princípio formal na filosofia de Platão**

Gustavo Rodrigues Rosato (UFU)

O objetivo deste trabalho é definir o conceito de princípio formal baseado na Ideia de Bem apresentada no passo 505a a 510b do livro VI da *República* de Platão e compará-lo com as notícias apresentadas por Aristóteles no livro A6 da *Metafísica*. Além de buscar a definição do conceito de Bem e defini-lo como o princípio formal da filosofia de Platão, o trabalho pretende tratar das propriedades do binômio Uno-Bem e das divergências e semelhanças encontradas na definição dos textos da *República* com a definição encontrada na *Metafísica*, bem como as relações causais provenientes deste princípio enquanto necessária para formação das realidades sensível e inteligível.

### **O que é isto – “doutrinas não-escritas”?**

Helena Ribeiro (UFRJ)

Esta comunicação pretende apresentar uma propedêutica à questão das “doutrinas não-escritas de Platão”.

Para tanto, serão apresentadas interpretações de fragmentos do *Fedro* e da *Carta VII* que apontam para uma espécie de “teoria platônica sobre a comunicação filosófica”, e fragmentos da *Metafísica* que parecem complementar essa discussão, por apresentarem as tais “coisas maiores” das quais fala Platão na *Carta VII*, quais sejam: o Uno e a Díade como Princípios Supremos de toda realidade.

Com isso apresenta-se a problemática em torno das “doutrinas não-escritas”, pois seguindo o que Platão disse em seus escritos, a escrita não é o meio próprio para comunicar sua filosofia, exatamente porque o que há de “maior valor” deve ser comunicado apenas no âmbito do “não-escrito”.

As inquietações que se pretende provocar, então, são as seguintes: como ler Platão, afinal? Como ter acesso ao “todo” de sua filosofia? Como interpretar a crítica à escritura empreendida por ele no contexto do *Fedro*? Como não relacionar a referência às “coisas maiores”, presente na *Carta VII*, com a protologia apontada por Aristóteles na parte da *Metafísica*, em que este “dialoga” com Platão, no contexto de uma primeira história da filosofia?

### **Ler Platão a partir do pensamento contemporâneo**

Jorge dos Santos Lima (UFRN)

Para se evitar o mesmo equívoco da modernidade ao enfatizar que sua leitura sobre Platão

é objetiva e mais plausível que as outras, é preciso especificar o campo atual do qual se lê Platão porque, seja pelos textos dele mesmo ou por comentários de outros pensadores como os de Aristóteles, é impossível regressar ao seu pensar. Aqui, há um problema: qual é a maneira mais eficaz de ler Platão hoje em dia? A maneira mais eficaz é a única maneira que há, ou seja, ler Platão a partir do pensamento contemporâneo. Assim, esta análise recorta o fim do Livro VI da *República* onde Sócrates comenta sobre certa “apreensão e apreendido”, para especular as possibilidades dessa leitura contemporânea. Sócrates diz que de um lado da linha há opinião, do outro, há conhecimento. Cada um destes se divide em mais dois segmentos. Desse modo, no segmento chamado *nous*, da parte que é conhecimento, há “idéias”, não há conhecimento propriamente dito que possa ser claramente expresso. Não se pode pensar “idéias” em Platão como conceitos em Kant ou em Descartes porque os conceitos são passíveis de definição e são portadores de significados, as “idéias” não. Seguindo a tendência da filosofia nos dias atuais, *nous* em Platão pode ser entendido como inteligência que articula um aspecto noético, noemático e um ato noético sem cair nos dualismos da modernidade. Se na modernidade o aspecto noético era pensado como sujeito, o noemático como objeto e o ato noético como atividade de apreensão e transposição de conceitos, hoje, na medida em que ato noético é entendido como intencionalidade, tanto ele como o aspecto noético e o noemático, são pensados como algo unicamente linguístico. Portanto, *nous* é linguagem. Logo, a leitura de Platão, para ser plausível, precisa estar moldada na situação atual da filosofia.

### **Condições de satisfação para o diálogo platônico**

Juliano Barcelos Alves (UNISINOS)

Independente de aceitabilidade, a tese de uma doutrina não-escrita atribuída a Platão é internacionalmente conhecida, pelo menos, desde a Escola de Tübingen-Milão. E, a partir dela, além de questões tradicionais sobre a interpretação da obra escrita, surge como questão o acesso e o que podemos esperar dessa doutrina. Não obstante a obra de Platão ser, basicamente, composta por diálogos, a tradição indireta descreve, também, essa doutrina oral como diálogo, e assim conversação. De uma teoria da conversação o que se espera é saber a respeito das condições de satisfação então necessárias para que o diálogo seja possível. Desvelando um contexto frágil para o estudo de Platão, como conversação, a conclusão que segue é de impossibilidade de interpretação. Contudo, a existência de uma doutrina não-escrita, ainda que inalcançável através do estudo sistemático do corpus platonium, é o que nos permite vagar por nova vereda.

### **Sobre o Amor na concepção de Aristófanes em “O Banquete” de Platão.**

Juliano Gustavo dos Santos Ozga (UFOSM/UFOP)

O discurso do poeta Aristófanes é menos extenso que o do Erixímaco, mas maior que o de Fedro. Percebe-se que a discussão vai avançando e se aproximando de definições mais claras para o que seria o amor, ou a amizade, ou Eros. Para Aristófanes, Eros é um anseio, uma busca metafísica do homem por uma totalidade do Ser, inacessível sempre à natureza do indivíduo. Uma das coisas que revela isso é a saudade dos amantes que desejam não se separar em tempo algum: não se trata somente de algo corporal, mas de algo que une as suas almas ou, dizendo de outra forma, complemento que uma alma busca na outra. Diz-nos Aristófanes:

Quando acontece encontrar alguém a sua metade verdadeira, de um ou de outro sexo, ficam ambos tomados de um sentimento maravilhoso de confiança, intimidade e amor, sem que

se decidam a separar-se, por assim dizer, um só momento. Essas pessoas, que passam juntas a vida, são, precisamente, as que não sabem dizer o que uma espera da outra. [...] E a razão disso é que primitivamente era homogêneo. A saudade desse todo e o empenho de restabelecê-lo é o que denominamos amor. (192b-e)

Não se deve esquecer que Aristófanes é poeta e apresenta uma visão mais romantizada da definição de Eros, de amor e amizade. Ele quer deixar evidente que não se trata de apenas uma conexão corporal, muito mais de essência e de complementaridade.

### **A excelência da arte retórica no diálogo *Fedro* de Platão**

Kellen Ferreira de Moraes (UFU)

Pretendo propor o desdobramento da concepção de Platão acerca da Retórica, apresentada em seu “Diálogo sobre a Retórica” entre Sócrates e Fedro. Nesse contexto, exporei como se realiza a verdadeira Retórica no passo 271 b, estabelecendo nexos com a função do discurso na condução das almas ao conhecimento verdadeiro 271 d, submetendo-a a Verdade e à filosofia, utilizarei da dialética como fio condutor para alcançar a real arte retórica.

### **A questão da conveniência da escrita no *Fedro***

Lilian Neves Mise (Centro Univ. São Camilo)

O objetivo desta comunicação é investigar o percurso que permite a formulação da questão sobre conveniência da escrita elaborada por Sócrates no *Fedro* 274, explicitando por este processo como a parte final do diálogo, onde está exposta esta questão, está firmemente conectada com as partes do diálogo antecedentes. Veremos como o discurso de Lísias através de sua proposição “é melhor servir ao amigo que não se apaixona, ao invés do amigo apaixonado”, expressa o estatuto da palavra na democracia ateniense, e como os dois discursos de Sócrates retomam de forma modificada o esquema mítico de uso da palavra. Como suporte desta discussão usaremos *As origens do pensamento grego*, obra em que Vernant, em especial no capítulo IV, nos relata como a palavra se torna instrumento político de poder na *polis*, e em que isto se diferencia de um esquema mítico de uso da palavra como era anteriormente no dito dos reis ou no rito religioso.

### **A importância do mito do andrógino e o conceito de amor como busca da sabedoria.**

Lorena Oliveira Maciel Silva (UECE)

O presente artigo é baseado na obra de Platão, *O Banquete*, diálogo que gira em torno da temática do amor, do louvor a Eros, o Deus do amor. Na obra citada, Aristófanes, um dos personagens presentes à mesa é instigado a fazer sua homenagem a Eros e, na ocasião, profere um dos mais belos discursos. Um discurso não só mitológico, mas, sobretudo poético, que retrata a história do ser humano desde que era um Andrógino, um ser completo, e entenda-se aqui por completo um ser dotado de duas cabeças, quatro braços, quatro pernas e dois órgãos reprodutores. Por ser completo e se achar tão auto-suficiente, este ser resolve soberbamente desafiar as divindades e termina sendo castigado por Zeus, recebendo um raio que lhe parte ao

meio, sendo, a partir daí, condenado a viver pelo resto de sua vida a vagar pelo universo em busca de sua metade perdida. Pretendemos aqui pensar a condição desse homem-metade, dessa busca pelo amor, seja esse amor representado por um outro ser, ou seja, um simples encontro com algo que nos devolva a sensação de completude, que pode estar no conhecimento, na sabedoria, ou na própria condição de estar em uma constante busca rumo ao saber.

### **A “segunda navegação” do *Fédon* e as doutrinas não-escritas.**

Lucas Nogueira Borges (UFU)

Esta comunicação pretende demonstrar como a leitura com base nas “Doutrinas não escritas” pode fornecer uma interpretação mais consistente acerca do debate sobre a teoria da causalidade exposta na assim chamada *Segunda Navegação* do *Fédon* de Platão. Aqui, delinearemos uma possível (e parcial) definição do que seja o filósofo a partir das *Idéias* e do Princípio como causas. Para tanto, a apresentação focará na narrativa de *Sócrates* sobre os problemas encontrados em sua juventude, partindo da *Primeira navegação* em direção a *Segunda navegação* com intuito de explicar como Platão reconhece os problemas na teoria dos naturalistas e de que modo parece encontrar uma solução, demonstrando assim se há ou não nesse recorte a possibilidade de uma definição do filósofo.

### **A relação entre Arte e Verdade em Platão e questão do nascimento da filosofia da Arte.**

Luciana da Costa Dias (UERJ)

Arte e Verdade. Tal relação se constitui, talvez, como um dos mais antigos temas da história da filosofia, desde sua primeira tematização na *República* de Platão. Assim sendo, a comunicação tem por tema tematizar esta relação tal como é apresentada no livro X da citada obra, tendo em vista dois pontos relevantes. O primeiro que não se pode pensar a *techne* grega como um sinônimo literal daquilo que nós hoje chamamos de arte ou mesmo de “estética”, posto ambas se tratem de um fenômeno da modernidade; e o segundo, que, mesmo guardada tal diferença, ainda assim, será a discussão iniciada por Platão (acerca de como a arte se relaciona com a questão da verdade – se a arte pode ou não “expressar” verdade) que inaugura o surgimento da tematização da arte no horizonte do pensamento filosófico. Ou seja: é Platão quem “inaugura” este âmbito que podemos entender como filosofia da Arte, – ainda que através de um viés que, curiosamente, não deixa de ser considerado negativo, posto que ele o faz através de uma “crítica” – a famosa crítica platônica da arte como mera *mimesis*, cópia da cópia sensível das idéias. Ou seja, este trabalho objetiva explicitar como a Arte podia ser entendida na Antiguidade grega e o lugar que esta ocupa no pensamento de Platão, apresentando ainda a crítica de Platão à arte estendida como *mimesis* e o lugar do belo em seu pensamento sobre o ideal, pretendendo com isso abrir caminho para se mostrar como suas considerações iniciais sobre a arte vieram a se determinar decisivas para o modo da tradição pensar a arte e marcaram todo o pensamento filosófico posterior sobre a Arte.

### **O oráculo de *Crátilo***

O objetivo desta comunicação é decifrar as palavras iniciais de Hermógenes no diálogo *Crátilo* de Platão, onde os interlocutores de Sócrates discutem sobre a “correção dos nomes”. Cada participante vinha defendendo sua própria tese de nomeação, natural ou convencional, e o momento é de plena aporia. Diante da impossibilidade de Hermógenes de descobrir porque os nomes de Crátilo e Sócrates são corretos, e o dele não, surge o convite a Sócrates para que atue como juiz da discussão e decifre as palavras oraculares de Crátilo. A primeira parte desta exposição pretende mostrar como se articulam tais teorias até o momento das análises etimológicas, onde é Sócrates que parece falar através de oráculos. Em seguida, tentarei demonstrar como as etimologias podem ser decifradas e a partir de sua compreensão, a importância delas para a leitura do diálogo.

### **A estranheza ao rigor ético estóico**

Mariângela Areal Guimarães (UFRJ)

A proposta desta comunicação consiste em analisar de que modo o homem, em seu movimento de conquista pela realização da felicidade, responde aos desafios de estranheza quanto à experiência estóica dos ideais de virtude. Atualmente, apesar de tudo que se constitui como obstáculo não sufocar a aspiração à felicidade, temos uma expressiva disjunção entre virtude e felicidade. O contraste entre ambas está sublinhado pela busca desenfreada de bens de consumo, pela conquista de status social que estes bens podem proporcionar, e toda sorte de bens exteriores, que não raramente parecem responder por nossas oscilações e desequilíbrios emocionais. Sendo assim, a grande deficiência de hoje parece consistir no fato de que cada vez mais o homem pensa que a felicidade é algo que vem de fora e que, por isso, ou bem espera por ela, ou a busca adquirindo novos bens de satisfação. Nos termos atuais, a felicidade parece mesmo estar fadada a uma subjetividade frágil e fugaz. De fato, diante de abissais diferenças, os padrões éticos estóicos parecem estranhos e distantes aos homens contemporâneos, sobretudo, no que concerne à relação desses padrões com a felicidade. Esta comunicação pretende mostrar que o estreitamento com determinados valores da ética estóica podem iluminar muitos dos problemas que envolvem as demandas da nossa atual sociedade com relação ao *sentido do que é ser feliz*. Para tratar dessa questão, será apresentada uma análise dos fundamentos constituintes da relação de identidade entre os conceitos de *areté* e *eudaimonía* à luz do sistema ético estóico. Pretende-se, a partir dessa análise, construir o entendimento de que o distanciamento do homem do modo estóico de buscar a *eudaimonía* deve-se a não compreensão de que essa conquista não é determinada por fora, mas gerada por dentro.

### **A redescoberta da lógica dos estóicos**

Paulo Eduardo de Oliveira (PUC-Paraná)

A tradição filosófica ocidental privilegiou a lógica aristotélica, como se constituísse a única (e, talvez, a melhor) elaboração do pensamento lógico grego. Durante mais de dois mil anos a lógica de Aristóteles dominou tão completamente o âmbito da lógica que Kant, em 1787, não teve dúvida em afirmar que ele era um campo do conhecimento fechado e acabado. Um reconhecimento do trabalho dos estóicos teve início praticamente em meados do século XX, com o famoso trabalho de Lukasiewicz sobre a história da lógica das proposições, em 1934. Merecem ainda destaque os trabalhos de Bochenski, Prior e, sobretudo, a tese de Benson Mates

sobre a lógica dos estóicos, publicada em 1961. A partir de então, percebe-se que a história da lógica adotou dois posicionamentos opostos em relação à lógica estóica: primeiro, uma postura de crítica severa, reduzindo a lógica dos estóicos a um grau inferior de desenvolvimento em relação à lógica aristotélica; segundo, um posicionamento de valorização das peculiaridades da lógica dos estóicos e, inclusive, de sua posição de destaque diante da lógica peripatética, sublinhando seu avanço em alguns pontos específicos. O presente estudo não tem a pretensão de esgotar a análise da doutrina lógica dos estóicos. A análise que aqui se apresenta pretende possibilitar uma visão panorâmica das principais questões referentes à lógica estóica, abrindo perspectivas para novas abordagens. Pretende-se, sobretudo: 1) mostrar a importância da lógica dos estóicos no conjunto dos sistemas lógicos desenvolvidos desde a filosofia antiga até os nossos dias; 2) recuperar o valor da lógica dos estóicos em oposição à tônica negativa impressa na historiografia da lógica, sobretudo na do século XIX.

### **A crítica de Agostinho à concepção grega de tempo.**

Ricardo Pereira Santos Lima (UFU)

A presente comunicação visa mostrar a crítica que o filósofo *Aurelius Augustinus* dirige ao conceito de tempo grego. Segundo o pensamento helênico, o *cosmos* é divinamente eterno e constitui o movimento de todas as coisas através do “eterno retorno”, que pode ser entendido como um ciclo fixo de intervalos temporais. Dessa maneira, tal noção tornar-se-á incompatível com o pensamento de Agostinho, já que este atribui ao universo um criador, retirando necessariamente a eternidade do tempo e do mundo. Tais concepções ao entrarem em choque, levantam a temática do Homem, este que habita e que, por conseguinte, procura entender melhor o mundo é a peça principal da qual o Filósofo de Hipona se valerá para tecer sua crítica. Diferentemente do que se poderia pensar previamente, a crítica do Santo Doutor não visará interrogar a respeito de o mundo ser uma criação de Deus ou, do *cosmos* grego ser eterno e divino. Mas seu exame pretende suscitar qual das duas concepções é mais satisfatória considerando as implicações morais de ambas.

### **Com quem dialogava Platão quando da elaboração de sua doutrina sobre os princípios supremos da realidade?**

Terezinha Vargas (UERJ)

Interessa-nos pesquisar a protologia platônica e sua relevância no seu contexto histórico-filosófico-científico, perguntando: a quem responderia Platão ao desenvolvê-la? Os temas da unidade/multiplicidade dos princípios primeiros e do ser/não-ser eram então certamente basilares e muitos deles se ocupavam. Platão não tinha, porém, o hábito de discutir um tema de modo impessoal. Ao que parece, ele escolhia um personagem que particularmente o tivesse provocado relativamente ao que ele se propusesse investigar e construía um diálogo em torno dessa figura. Ele trata da questão dos princípios supremos em várias obras, mas ressaltaríamos: “República”, “Timeu”, “Filebo”, “Teeteto”, “Sofista” e “Parmênides”. Nessas duas últimas, a figura do ‘venerável e temível’ mestre eleata teria grande destaque.

O reconhecimento de Platão por Parmênides é indiscutível; no “Sofista”, ele chega a chamá-lo de ‘pai’. Assim, perguntaríamos se essa não poderia ser a figura central com quem dialogaria no tocante a esses princípios. Como, porém, isso nos parece mais evidente naquelas duas últimas obras, pretendemos privilegiá-las em nossa análise. Dialogar com Parmênides se justificaria pelo fato dele ter criado sérios problemas tanto para a filosofia, na medida em que poderia ser usado para respaldar a sofística, quanto para a ciência, especialmente a física, na medida em que interditava o conhecimento absoluto sobre o universo do devir.

Seria nosso objetivo apontar essas difíceis questões a partir do poema de Parmênides e

analisar as tentativas de superação desenvolvidas por Platão, tanto em seus diálogos quanto nas doutrinas não-escritas. Entretanto, dada a limitação de tempo, visando objetividade nessa comunicação, pretendemos privilegiar as duas obras anteriormente apontadas e nos limitar à questão dos princípios supremos da realidade, embora com o aprofundamento possível. Nesse duplo movimento, de cerceamento e concentração, esperamos ressaltar o quanto essa questão era fundamental, não apenas para um melhor entendimento de Platão como também da filosofia antiga como um todo.

### **Eros hesiódico e Eros socrático – convergências do pensamento mítico e dialético no *Banquete* de Platão.**

Victor Sales Pinheiro (UERJ/Faculdade de São Bento-RJ)

No *Banquete* de Platão, a primeira referência mítica de Eros, no discurso de Fedro, é a Hesíodo, que permanece como lastro fundamental na reflexão sobre o amor. Esta comunicação visa confrontar a genealogia mítica de Eros, como filho de Pênia (penúria) e Poros (expediente), tal como proposta por Diotima, com os dois Eros apresentados na *Teogonia* de Hesíodo, (1) o princípio cosmogônico primordial, ao lado de Caos, Terra Tártaro, e (2) o auxiliar de Afrodite, que compartilha da natureza do Céu, força incoercível e coercitiva de acasalamento, e também da dissimulada inteligência de Crono, de onde lhe vem os artifícios sedutores dos jogos amorosos. O objeto é apresentar a herança mítica do pensamento dialético, e a dimensão alegórica da filosofia platônica.

### **Realização**



### **Apoio**

